Olhar: uma herança da fenomenologia

*Sebastião Trogo**

Sob a denominação de *fenomenologia*, este século viveu um de seus mais férteis momentos filosófico-culturais. A fenomenologia visitou as mais diversas áreas de conhecimento, dando vida a velhos troncos, fazendo brotar novos galhos, produzindo belos frutos e perfumosas flores. Não é nosso propósito acompanhar este surto renovador nas ciências ou nas artes, nem mesmo nas subáreas da filosofia, tais como a ética, a estética, a ontologia, a epistemologia ou a antropologia. Exorbitaria de nossa competência perscrutar os meandros de tantos e vários autores que fizeram da fenomenologia uma manifestação original de sua contribuição filosófica. Husserl, Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty, Paul Ricoeur, Derrida, Mikel Dufrenne, Levinas etc. estão ainda presentes em todos aqueles que de algum modo freqüentaram o pensamento contemporâneo.

Na impossibilidade de abarcarmos a floresta, detenhamo-nos numa só árvore e nesta num só galho: refiro-me a Sartre e neste pinço o problema da intersubjetividade, não na esperança de apontar soluções, mas de, pelo menos, equacionar bem o problema. A lição fundamental que a fenomenologia nos deixou foi a de que uma grande construção teórica começa pela identificação e descrição de uma experiência exemplar. E que experiência mais radical, mais alvar, mais nuclear que o *olhar* no estabelecimento das relações intersubjetivas? Do ponto de vista da experiência do olhar, o estatuto da intersubjetividade nos remete ao da subjetividade. Cabe, portanto, a pergunta: qual o desempenho do olhar, na estruturação do sujeito, como entidade eternamente suposta, qualquer que seja a nossa veleidade teórica neste campo?

* Doutor em Filosofia da Universidade Católica de Louvain-Bélgica. Professor do Departamento de Filosofia da UFMG.

Já nos ensinara Kant que o estatuto do real deita raízes na esfera do transcendental, ou seja, só conseguimos justificar o real se bem arquitetarmos e articularmos as suas condições de possibilidade. Sartre monta a descrição da experiência do olhar em três momentos que se estruturam numa remessa recíproca: nenhum dos momentos possui significação em si e por si; o anterior é pura antecedência do segundo e deste recebe a sua significação; o terceiro se enraíza nos dois primeiros, coroando a significação deles; cada um dá e recebe sentido do anterior e do posterior.

Antes do exame de cada um destes momentos, alinhemos, para maior clareza, as condições mínimas para que a experiência possa ser descrita:

a) A experiência do olhar acontece a partir da pura empiria do confronto de dois glóbulos oculares, mas não se esgota neste confronto;

b) A experiência atinge o seu clímax quando são dois olhares humanos que se defrontam;

c) Neste confronto há um comando de olhar que se exerce ou por um ou por outro na sucessividade, nunca na simultaneidade;

d) Numa situação dada, estaremos sempre diante de um "olhar olhante" e de um "olhar olhado", podendo tal situação se revezar ao infinito;

e) O olhar olhante impõe uma modificação ontológica ao olhar olhado, independente da intenção de um ou de outro;

f) A reversão de olhado a olhante pertence à exclusiva espontaneidade do olhado e se torna uma com o exercício originário de sua liberdade, em outras palavras: ser livre é reverter o olhar olhado em olhar olhante;

g) Ao nível da corporeidade, não posso pensar forma mais elementar de estar com o outro;

h) A trama do olhar é o meu próprio corpo se dando como linguagem;

i) É o olhar que faz brotar em mim o meu ser-para-o-outro;

j) Sujeito é a instância que olha com o propósito de autofundamentar-se e a instância olhada está a meio caminho entre a objetividade e a subjetividade.

O primeiro momento da experiência do olhar

Estes momentos são denominados tecnicamente pela fenomenologia de *ek-stase*, e Sartre a caracteriza como *ek-stase* da díade fantasma *reflet-refletant*. Aqui o conceito de olhar encerra propriamente o sentido exemplar da presença humana, da própria consciência. É a descrição da subjetividade engendrando-se no exercício do olhar. Esta experiência se realiza ao nível da pura imanência. Para descrevê-la haveremos de supor um campo de forças articulado por dois pólos: um olhar refletido (*reflet*) e um olhar refletidor (*refletant*). Estes pólos se sustentam na sua imediateidade. Se cada pólo devesse confessar a sua origem, ele apontaria o outro pólo como fonte. Assim, diríamos que o *reflet* é o pólo engendrado/engendrante, e o *refletant* é o pólo engendrante/engendrado.

Traduzindo a concepção sartriana para a linguagem comum, diríamos que o olhar passa por um momento interno. Aí esta díade fantasma teria o desempenho de um par de sósias constituidores da nossa subjetividade: o sósia *A* pelo fato mesmo de olhar para o sósia B, o engendraria e vice-versa. Este momento é a pura insubsistência e sua presença ganharia mais consistência ao passar para o segundo momento, ou segunda *ek-stase*. Cada pólo desvanece ao isolar-se, e se recupera no outro ao unir-se. A cada instante o *reflet* se compraz na ação objetivante do *refletant*. Estes doadores recíprocos de ser parcelam a sua presença num intercâmbio de morte e vida: esta na tarefa do olhante, aquela na do olhado. Esta díade fantasma é o núcleo imaginário da consciência que se desdobra existencialmente como uma ânsia, um desejo angustiante de se fundar na fusão.

O segundo momento da experiência do olhar

O insucesso do primeiro momento faz a consciência abandonar o exercício solitário da autofundamentação na primeira *ek-stase*. Agora

ela se lança para fora de si e busca edificar-se na absorção das coisas. Na imanência, ela não conseguia administrar a evanescência que se apresentava como regime invencível de seu ser. Agora, o olhar quer a experiência da consistência, projetando-se encarnar nas coisas, comprometendo a sua diafaneidade na fixidez do físico. Trânsfuga da evanescência, agora ela se vê ameaçada pela consistência. A contemplação das coisas produz um torpor ontológico a ser evitado. Esta passagem da primeira à segunda *ek-stase* lhe deixa uma grande lição, tanto mais intrigante quanto mais verdadeira: a consciência não se basta nem na solidão nem na entrega à contemplação dos objetos. Mais um insucesso se constata. É preciso buscar a terra da promissão. Onde encontrá-la?

O terceiro momento da experiência do olhar

A maturação do olhar na primeira e na segunda fase se fez por intermédio de um esforço contínuo de superação de crises que se sucedem num crescendo. A princípio foi a crise da imanência onde vigia o regime da transparência. Os projetos se inibiam na opacidade das realizações. A consciência não conseguia sair de um jogo interno de espelhos mágicos que produziam imagens tanto mais abundantes quanto efêmeras. Cansada deste engodo reflexivo, ela tenta pisar o chão das coisas e afirmar-se na posse e domínio delas. No entanto, coisas são da ordem do massivo, são maciças, não possuem "dentro". Seu contato envilece e empobrece, escraviza e frustra.

Justificar-se, fundamentar-se, identificar-se, reconhecer-se — eis o sonho que agora será buscado na terceira *ek-stase*. Se a reflexão interna era estéril, a pura contemplação das coisas é enfadonha. Desesperada, sem poder de síntese das duas experiências anteriores, a consciência cai num vórtice indefesa, como nave à deriva, resvala num e noutro pólo, sem repouso, sem destino. Uma nova aventura se anuncia em mais um esforço de escapar à sua sina nômade: quem sabe se a solução não estaria na apreensão de uma outra consciência? Não é mais a instância imaginária do *reflet refletant*, nem a rotina exauriente das coisas sem alma, mas todas estas experiências, agora reunidas num único pólo, acrescidas de um novo ingrediente — a liberdade de uma outra consciência, as surpresas de um outro ser tão incerto e surpreendente quanto eu, capaz de fazer por mim tudo quanto sou capaz de fazer por ela.

Será a união de duas autarquias de tal modo que cada uma seja ela mesma e a outra, de maneira que uma se perca nos devaneios da outra ou se ancore nas suas determinações.

Mal se inicia um novo ciclo de experiências, a consciência presente a natureza contraditória do olhar: na medida mesma em que ele é ânsia de preenchimento de seu vazio, ele desnatura o objeto de sua busca, metamorfoseando a espontaneidade do *para-si* em enrigecimento do *em-si*, transformando a liberdade em necessidade.

É a síndrome da objetivação! É a transformação do outro em coisa! A loquaz liberdade do outro a distância, mumifica-se, emudecida sob as garras do olhar. O tabuleiro das relações humanas ganha novos complicadores. Quero o outro livre, mas quando o toco converto-o em escravo. É o preço objetivante do olhar! Procuro espírito, quando acho, é corpo que encontro. Novas lições vão se desprendendo desta experiência diaspórica: primeiro, que duas liberdades são inassimiláveis. Não há totalidade que as subsuma; segundo, uma espécie de ser híbrido se instala em mim diante do olhar do outro: sou a um só tempo espontaneidade e constrangimento sem que eu possa me definir satisfatoriamente por um ou por outro lado; terceiro, a vergonha e o orgulho assumem o comando ontológico de minha presença sem que eu vislumbre uma síntese.

Deste caldo, constituído pela trama dos olhares, vão se constituir as relações humanas, segundo a visão macabra de J.-P. Sartre. O amor, o desejo, o ódio, a sedução, o sadismo, o masoquismo, a indiferença serão as categorias da linguagem, na estruturação deste discurso que é a existência humana.

CONCLUSÃO

O olhar é apreendido como a experiência paradigmática a partir da qual estabelecem todas as relações humanas. A ele se assimila a experiência da interrogação, do cuidado, onde o homem se experimenta como angústia. Esta por sua vez é superável pela alienação, pela diáspora, pelo envolvimento com as coisas. A alienação aparece como uma tábua de salvação e termina por afogar a consciência no esquecimento de si mesma. A afetividade humana se constrói sob este fundo de conflito, onde nenhuma vitória é permanente.

Fenomenologia: tendências históricas e atuais

*Creuza Capalbo**

1. A fenomenologia a partir de Edmund Husserl

É com satisfação que estou aqui, hoje, com vocês, neste Encontro das Escolas de Serviço Social, porque, de longa data, temos tido oportunidade de ter contato com o Serviço Social numa tentativa de discutir questões de teorização do Serviço Social.

Nessa linha de abordagem da fenomenologia em Serviço Social, não vou trazer para vocês nenhum exemplo concreto de aplicação da fenomenologia, do ponto de vista do seu método, no Serviço Social, porque não sou assistente social.

Esse trabalho vem sendo realizado por pessoas — muitas delas aqui presentes — que vêm desenvolvendo suas pesquisas, suas dissertações de mestrado, suas teses, dentro deste enfoque de aplicação do método fenomenológico em Serviço Social.

Gostaria de iniciar, porém com uma colocação mais geral da fenomenologia, lendo para vocês uma introdução de um artigo que publiquei na revista *Debates Sociais*, intitulada "Fenomenologia em Serviço Social". Vou ler e, depois, desenvolver o texto que trouxe para dar início a nossa reflexão.

Paradigmas teóricos do positivismo, vigentes em nosso século, estão sendo questionados e interpelados, pois vêm demonstrando sin-

* Professora de Filosofia da UFRJ e UERJ.